

Natália Correia

# ANTOLOGIA POÉTICA

organização, selecção e prefácio de  
Fernando Pinto do Amaral

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

LISBOA

2013



## ÍNDICE

Nota de Edição .....	13
Prefácio por Fernando Pinto do Amaral	
Violência e Paixão .....	17
Nota Biográfica .....	23
<i>in</i> RIO DE NUVENS	
<i>Nuvens correndo num rio</i> .....	31
<i>Eu venho do sonho e fujo da vida</i> .....	32
<i>Turva hora onde</i> .....	33
<i>Pássaro breve</i> .....	34
<i>Quem vem contar-me uma história</i> .....	35
<i>Aquela Ilha esquecida</i> .....	36
<i>Em cada estrela cadente</i> .....	37
<i>in</i> POEMAS	
<i>A ti, Mãe, primeira maravilha</i> .....	41
<i>Sou filha de marinheiros</i> .....	42
Retrato talvez saudosos da menina insular .....	43
O poeta e a casa .....	44
A floresta da infância .....	45
Auto-retrato .....	46
O Livro dos Amantes	
I <i>Glorifiquei-te no eterno</i> .....	47
II <i>Harmonioso vulto que em mim se dilui</i> .....	48

III	<i>Príncipe secreto da aventura</i> .....	49
IV	<i>Dá-me a tua mão por cima das horas</i> .....	50
V	<i>Toma o meu corpo transparente</i> .....	51
VI	<i>Aumentámos a vida com palavras</i> .....	52
VII	<i>Tu pedes-me a noção de ser concreta</i> .....	53
VIII	<i>Eis-me sem explicações</i> .....	54
IX	<i>Pusemos tanto azul nessa distância</i> .....	55
	Do sentimento trágico da vida .....	56
	Romance de D. Pedro e Dona Inês .....	58
	D. João .....	59
	Cristo-Báquico .....	61
 <i>in</i> DIMENSÃO ENCONTRADA		
	Para aquela que morreu inexplicavelmente porque era amada .....	65
	A recusa das imagens evidentes .....	67
	E de mãos dadas os amantes cada vez mais se aproximam do paraíso .....	73
	Queixa das almas jovens censuradas .....	76
 <i>in</i> PASSAPORTE		
	Passaporte .....	81
	O poema .....	84
	Metamorfoses necessárias para a reconquista do mundo .....	85
	Nictofagia .....	87
	Projecto de bodas .....	88
	Ultrabiográfico .....	90
 <i>in</i> INÉDITOS (1959/61)		
	Verdadeira litanias para os tempos da revolução .....	95
<b>Cântico do país emerso</b>		
	Memória da minha comunhão poética com a saga do cavaleiro da Nossa Senhora da Liberdade .....	98
I	<i>Enquanto que no mar das Caraíbas</i> .....	101
II	<i>Enquanto que o Navio-Nação partia</i> .....	103
III	<i>Porque não era do cio da tormenta</i> .....	105
IV	<i>Quanto ao resto</i> .....	107
V	<i>Enquanto que subitamente todos os portos</i> .....	111
VI	<i>Enquanto que do mar das Caraíbas</i> .....	113
VII	<i>Entre mim e a cidade se atea a perspectiva</i> .....	116
VIII	<i>Não sou daqui. Mamei em peitos oceânicos</i> .....	119
 <i>in</i> O VINHO E A LIRA		
	O vinho e a lira .....	125

O encontro .....	127
A arte de ser amada .....	129
Fado de Cesário Verde .....	130
Uma laranja para Alberto Caeiro .....	132
Poema involuntário .....	134
Mátria	
I <i>Combustível a besta se encorpora</i> .....	135
II <i>Entanto como dizer a pedra escuta</i> .....	137
III <i>Pontualmente uma árvore de ouro</i> .....	139
IV <i>Copenhaga lavando os cabelos</i> .....	141
V <i>Piazza de Fiore Húngaros dedos</i> .....	142
VI <i>Maníaco de amantes</i> .....	143
VII <i>Manolo Sanchez de Sevilha</i> .....	145
VIII <i>Ians Hoornik Gabor Lars Peters</i> .....	147
IX <i>Foi em Creta No azul fêmea do Egeu</i> .....	149
X <i>O vendaval de cavalos</i> .....	151
XI <i>Os sonhos vão erguer-se sobre as patas traseiras</i> .....	153
XII <i>Poesia em cujo ouvido o mundo</i> .....	155
XIII <i>Fotões da cólera que a amorosa retina</i> .....	157
<i>in</i> A MOSCA ILUMINADA	
O nascimento do Poeta .....	161
A defesa do Poeta .....	164
<i>in</i> O ANJO DO OCIDENTE À ENTRADA DO FERRO	
Dedicatória .....	169
Excursão às ruínas da valsa .....	173
Aeroporto .....	175
Último canto de Luís o Cisne .....	177
Passez y vos vacances .....	179
Au Petit Riche .....	184
London from a tear top .....	186
Pranto dos europeus à saída do festim	
I <i>Pronta que foi a obra e ficaram os deuses</i> .....	188
II <i>Ah tudo ocupava sem medo um nome próprio</i> .....	190
III <i>Que direcção tomar? Nossos abracadabras</i> .....	192
IV <i>Que fizemos das árvores? Era fácil pousar</i> .....	194
V <i>Chamávamos Europa ao sítio onde parou</i> .....	195
<i>in</i> EPÍSTOLA AOS IAMITAS	
Ó Liberdade, brancura do relâmpago	
I <i>Evoé! de pãmpano os soldados</i> .....	199

II	<i>Como de um peso lento sai a trova</i> .....	200
Já as primeiras cousas são chegadas		
I	<i>Tanta foíce isto é coice desconfio</i> .....	201
III	<i>E fez-se luz e a luz o touro fez</i> .....	202
O Sacrifício		
I	<i>É o câncer no Trópico do número</i> .....	203
IV	<i>De repente de riso sou de pedra</i> .....	204
VII	<i>Medeia a Revolução fez outro aborto</i> .....	205
X	<i>De lida e bronze foram os meus anos</i> .....	206
XI	<i>Com que então meu Pessoa esta oficina</i> .....	207
Urna áurea		
I	<i>Ó Pátria amada minha misteriosa</i> .....	208
II	<i>De insubornáveis másculas lonjuras</i> .....	209
III	<i>E vi letras torcidas num braseiro</i> .....	210
<i>in</i> O DILÚVIO E A POMBA		
	Na campa de Antero .....	213
	O dilúvio e a pomba .....	214
	Balada de uma faia donzela que morreu violada .....	216
	Em cruz não era acabado .....	218
	Pórtico .....	220
	Páscoa .....	221
	Afrodite ressurrecta .....	222
<i>in</i> CANTIGAS DE RISADILHA		
	Uma flor de harmonia no Plenário .....	225
	Durante o debate da lei contra o alcoolismo .....	226
	Inesperado direito dinástico cai como bomba no PPM .....	227
	«O acto sexual é para fazer filhos» – disse ele .....	228
	Já não sei se é país se é orfanato .....	229
	Nesta lusa farronca sem vintém .....	231
	Malvadas línguas que dão fel à fama .....	233
	Notícia de um caso tremendo que abalou o Parlamento .....	235
<i>in</i> VARIAÇÕES		
	No meu aniversário .....	239
	Até ao fim do mundo .....	240
	Recordando o amante Francisco Sá-Carneiro em memória da minha amiga Snu .....	241
<i>in</i> O ARMISTÍCIO		
	Sete motivos do corpo	
I	<i>Não te importe, ó mortal, depois de morto</i> .....	245

II	<i>Com a essência das flores mais coniventes</i>	246
III	<i>Com a paixão desconcerta o pensamento</i>	248
IV	<i>Vede o estádio em transe: é a oferta</i>	249
V	<i>Mocinhas gráceis, fungíveis</i>	250
VI	<i>Quando em halo de fêmea húmida e quente</i>	253
VII	<i>Já quando pouco dista o escuro Averno</i>	255
Os jardins de Adónis		
I	<i>O que foi, sem limites, inocência impossível</i>	256
II	<i>Recusa, amigo, da lide o ardil que, fátuo</i>	257
III	<i>Estranhos à terra, os namorados</i>	259
IV	<i>Alta na sombra a crista de agapantos</i>	260
V	<i>No jardim numa enternecida hora</i>	261
As flores		262
No templo de Florbela-Diana, a castradora		271
Ode à Noite		272
No túmulo de Florbela		278
A dor de reear pela vida do amigo estando ele em perigo		279
<b>Cancioneiro Joco-Marcelino</b>		
Marcelo e as Tágides		283
Batma(n)rcelfada		284
O fado do coveiro		285
Marcelo é bom bailarino		286
Marcelo até Almeida		287
O carochinha		288
O ambidextro		289
Requiem por Marcelo		290
<i>in</i> SONETOS ROMÂNTICOS		
Ars aurifera		
I	<i>Do soneto que sémen e ovo inclui</i>	293
II	<i>Porque a primor em prata principia</i>	294
III	<i>Medita a rosa se queres ler no soneto</i>	295
Rogando à musa que torne claro o coração obscuro		
I	<i>A luz meridional que rigorosa</i>	296
II	<i>De um emboscado deus os sons que escreves</i>	297
III	<i>Súbita a inspiração faz o convite</i>	298
IV	<i>Acender chamas digo fazer versos</i>	299
Mãe ilha		
I	<i>Limão aceso na meia-noite ilhada</i>	300
II	<i>No coração da ilha está um vaso</i>	301
III	<i>Foi isto outrora na ilha das fadas</i>	302
IV	<i>Por lentas alamedas musicais</i>	303

V <i>Nessa manhã as garças não voaram</i> .....	304
Louvado seja o génio da noite	
I <i>Lenta declina a luz e a noite vai</i> .....	305
II <i>Génio da noite que os verdes sombreando</i> .....	306
III <i>Fantástico jardim de uma outra idade</i> .....	307
IV <i>Vai-se o dia. Da lua a tocha acesa</i> .....	308
Do amor que acorda o espírito que dorme	
O corpo .....	309
A alma .....	310
O espírito .....	311
Na câmara de reflexão	
I <i>Saibam quantos meus versos não ignoram</i> .....	312
II <i>Já muitas mortes dar-me haveis querido</i> .....	313
III <i>Pedi mais vida e pago o preço. Fico</i> .....	314
IV <i>Reúno coisas comovidamente</i> .....	315
V <i>De mãos dadas com o sonho me extravio</i> .....	316
VI <i>Vem do mais recôndito concerto</i> .....	317
VII <i>Onde quero entender passa uma nuvem</i> .....	318
VIII <i>Deuses de um céu que rosas vãs me atira</i> .....	319
IX <i>Na febre de buscar o senso à vida</i> .....	320
X <i>Eu não sou deste mundo. Então de qual</i> .....	321
XI <i>Tomai estes meus versos na vazante</i> .....	322
Necessário é satisfazer o ofício das trevas	
I <i>Uma dor fina que o peito me atravessa</i> .....	323
II <i>De hora negra me enrola a crespa vaga</i> .....	324
III <i>Ciosa Terra Mãe, vamos às contas</i> .....	325
O romper da manhã na noite mística	
I <i>Foram-se ao pino os anos anelantes</i> .....	326
II <i>Mordeis-me a cauda do fato de sereia?</i> .....	327
III <i>Vós que torpes e tredos me negais</i> .....	328
IV <i>Tal a gota no rio – quem na entende</i> .....	329
V <i>Por céus e infernos e extremos tais</i> .....	330
VI <i>Nativa de um esplendor que está para ser</i> .....	331
Poesia: ó véspera do prodígio!	
I <i>Além do sol, além do Sete-Estrela</i> .....	332
II <i>No perdido jardim que a Esfinge guarda</i> .....	333
III <i>Musas amigas, levai estes espelhos</i> .....	334
IV <i>Creio nos anjos que andam pelo mundo</i> .....	335

*in* RIO DE NUVENS



Nuvens correndo num rio  
Quem sabe onde vão parar?  
Fantasma do meu navio  
Não corras, vai devagar!

Vais por caminhos de bruma  
Que são caminhos de olvido.  
Não queiras, ó meu navio,  
Ser um navio perdido.

Sonhos içados ao vento  
Querem estrelas varejar!  
Velas do meu pensamento  
Aonde me quereis levar?

Não corras, ó meu navio  
Navega mais devagar,  
Que nuvens correndo em rio,  
Quem sabe onde vão parar?

Que este destino em que venho  
É uma troça tão triste;  
Um navio que não tenho  
Num rio que não existe.

Eu venho do sonho e fujo da vida.  
Errei no caminho para a paz prometida.

Só sei que me chama um canto do mar.  
E a nau dos sonhos no céu a varar.

Ó meu capitão da barca perdida  
A errar entre o sonho e o engano da vida!

Turva hora onde  
Principia a noite  
E o dia se esconde.

Hora de abandonos  
Em que a gente esquece  
Aquilo que somos  
E o tempo adormece.

Nevoenta hora,  
Hora de ninguém  
Em que a gente chora  
Não sabe por quem.

E tudo se esconde  
Nessa hora onde  
Por estranha magia  
Brilha o sol de noite  
E o luar de dia.

Pássaro breve  
Rompendo a chuva caída  
Na minha melancolia.

Ave voando  
Na chuva que vai caindo  
Em mim sem cair no dia.

Pássaro leve  
Cantando o sol que amanhece  
Na noite que me entristece.

Quem vem contar-me uma história  
Dos meus tempos de menina?

Quando eu era pequenina,  
A minha ama contava  
Aquela história em que entrava  
Uma menina e um papão.  
Eu, ao ouvi-la, chorava.

A fábula é outra agora:  
A menina já não chora  
No meio da escuridão.  
Quem tem medo é o papão.

Aquela Ilha esquecida  
Que eu habito adormecida  
Que, à noite, eu vou habitar;

Aquela Ilha encantada  
Que não se encontra de dia,  
Pois fica na madrugada;

A Ilha não descoberta,  
Onde a criptoméria aberta  
Espalha em volta o luar;

A Ilha desconhecida  
Que pelos caminhos do sonho  
Se mostra a quem a buscar.

Àquela Ilha distante,  
Não há ninguém que se afoite...

Aquela Ilha esquecida  
Que só tem um habitante:  
Eu que lá vivo de noite...

Em cada estrela cadente  
Que vai perder-se no rio  
Uma parte de mim parte  
No mistério de um navio.

Sou passageira da noite,  
Num veleiro de luar.  
O porto onde eu embarquei  
É onde devo ir parar.

A onda que vem à praia  
E volta de novo ao mar,  
Abriu um lírio na areia  
Que a brisa vem desfolhar!

Passam navios ao longe,  
Num jeito de não parar!...



*in* POEMAS



A ti, Mãe, primeira maravilha dada aos meus olhos, eu dedico estes poemas. Subida da tua carne, a minha luz pertence-te. Toma a minha dor e a minha alegria e este desespero que floresce à sombra do teu mistério.

Sou filha de marinheiros  
pelo mar que também quis.  
Pela linha da poesia  
sou neta de D. Dinis.  
Aquilo que nunca fiz  
é a minha bastardia.

## RETRATO TALVEZ SAUDOSO DA MENINA INSULAR

Tinha o tamanho da praia  
o corpo que era de areia.  
E mais que corpo era indício  
do mar que o continuava.  
Destino de água salgada  
princiado na veia.

E quando as mãos se estenderam  
a todo o seu comprimento  
e quando os olhos desceram  
a toda a sua fundura  
teve o sinal que anuncia  
o sonho da criatura.

Largou o sonho no barco  
que dos seus dedos partiam  
que dos seus dedos paisagens  
países antecediam.

E quando o corpo se ergueu  
voltado para o desengano  
só ficou tranquilidade  
na linha daquele além  
guardada na claridade  
do coração que a retém.

## O POETA E A CASA

*À Quina*

Na casa  
onde todos iam e vinham como formigas  
carregando às costas cada hora  
só ela sem paciência  
desfazia o colar das horas transportadas.  
E perguntava qual a medida do tempo:  
se as horas  
se o sonho que as desligava.

Na casa  
onde todos dormiam só ela velava.  
E perguntava:  
se era ela sonhando que dormia  
com os outros sem sonhos a velá-la.

Na casa  
onde todos rezavam orações decoradas  
à volta duma imagem  
só ela anjo mudo  
escutava na aragem  
a voz que lhe chegava do princípio de tudo.

## A FLORESTA DA INFÂNCIA

Húmido pinhal de ramos altos  
como lanças no coração de estrelas  
petrificado no olhar dos deuses!

Quem como eu no chão de rama verde  
estendida se perde  
entre as metamorfoses e os meses?

Quem como eu errando na floresta  
embriagada de névoa e de resina  
teus deuses celebrou em cada festa  
da alma e da retina?

Quem como eu num canto que persiste  
te oferece a imagem que guardei  
do teu mistério triste?

## AUTO-RETRATO

Espáduas brancas palpitanes:  
asas no exílio dum corpo.  
Os braços calhas cintilantes  
para o comboio da alma.  
E os olhos emigrantes  
no navio da pálpebra  
encalhado em renúncia ou cobardia.  
Por vezes fêmea. Por vezes monja.  
Conforme a noite. Conforme o dia.  
Molusco. Esponja  
embebida num filtro de magia.  
Aranha de ouro  
presa na teia dos seus ardis.  
E aos pés um coração de louça  
quebrado em jogos infantis.